

**A INTERAÇÃO HOMEM-NATUREZA
NO FUTURO DA CIDADE***

Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro**

Hablo de la ciudad, pastora de siglos,
madre que nos engendra e nos devora, nos
inventa y nos olvida.

Octavio Paz

Nos últimos anos que antecederam o encerramento de minha caminhada acadêmica na Universidade, estive voltado para o estudo do clima da cidade que é apenas uma das múltiplas feições de sua qualidade ambiental. Em período mais anterior ainda, alguma colaboração em projetos de implantação urbana em equipes conduzidas por urbanistas, o tratamento com o fenômeno ur-

*O presente artigo resultou da ampliação de alguns tópicos apresentados num debate promovido pelo Instituto de Arquitetos do Brasil - secção de São Paulo e realizado no Auditório do Museu da Imagem e do Som em São Paulo, estando o autor entre o geógrafo Milton Santos e o arquiteto-urbanista Joaquim Guedes, na noite de 7 de novembro. O texto rascunhado foi retomado e re-estruturado para uma pequena série de palestras para os alunos do mestrado em geografia do Instituto de Geociências da UFMG em Belo Horizonte, na semana de 9 a 13 de dezembro de 1991.

**Professor titular da USP (aposentado). Professor colaborador do Curso de Mestrado em Geografia do Departamento de Geociências, CFH-UFSC.

GEOSUL, nº 14 - Ano VII - 2º semestre de 1992.

bano serviu-me muito à ampliação dos horizontes e a visão mais integrada e unitária da realidade geográfica.

O título do presente trabalho merece algum esclarecimento. Não se trata, de nenhum modo, de um exercício em futurologia. De igual modo as relações homem-natureza não serão abordadas em termos de antagonismo dual. Pretende menos a edificação urbana e tem mais a intenção holisticamente cultural no devir da condição urbana.

Neste caso não há necessidade de inserir a abordagem no âmbito específico do geográfico pois o geógrafo em final de carreira que eu sou, permite-se tecer uma teia de conjecturas, de um cidadão comum deste final de século, comprometido no viver brasileiro e, como tal, perplexo, cheio de incertezas, dúvidas e temores. E exatamente por isso, vendo-se movido por uma imperiosa necessidade de "ter esperança", faz força para alcançar algum otimismo. Sob o bombardeio hodierno de uma informação múltipla e confusa, variada em temática e qualidade, procurou extrair dela algumas considerações em direção ao tema proposto.

Um tal esforço foi canalizado para quatro direções. Num primeiro momento, a configuração que se delinea no tempo-espaço do fato urbano indica que a cidade tem sido e, cada vez mais o será, a morada do homem na superfície deste planeta. Em seguida, procura entender como tal irreversibilidade em meio a grave e profunda crise-histórica do final deste século poderá ser superada. Entre perigos e oportunidades emergentes da grande crise, quais os signos que se podem captar em direção a algum possível futuro? Assim, a penúltima etapa é dirigida à possibilidade de haver futuro e que esse futuro (melhor, espera-se) venha a se espelhar na condição urbana. O fecho do trabalho recorre a uma metáfora literária para sinalizar o tipo de mudança a acontecer no homem e capaz de assegurar esta esperança.

1. O Tempo-Espaço do Fenômeno Urbano e a Permanência da Cidade

A antigüidade do fato urbano é tal que o geógrafo poderá extrair da própria cidade - um fato geográfico por excelência - importantes elementos indicadores da própria evolução do pensamento geográfico. A própria "localização" das cidades forneceu aos "deterministas" um manancial de argumentos a favor da influência do meio sobre o homem. O famoso tratamento do problema dado por Miss Helen Semple é um exemplo clássico.

Por outro lado, os urbanistas poderão extrair de todo o corpo ideológico concernente à cidade, elementos preciosos à revelação das relações homem-natureza. Seja nas ideologias pró-urbanas seja nas anti-urbanas, haverá sempre, em diferentes graus de clareza, aspectos reveladores dessa relação que é, em suma, o reflexo do jogo dialético entre a criação humana e a primitiva natureza. Da condenação bíblica de Sodoma e Gomorra à exaltação de Jerusalém; do idealismo iluminista da superioridade da natureza, indutora do isolamento contemplativo do "Eu" ao pragmatismo econômico de exaltação coletiva das concentrações urbanas, teatro de prática social, instrumento de organização espacial, enfatizadora do "Nós" no **homus economicus**, ela está sempre subjacente.

Se grandes cidades da antigüidade desapareceram ou deixaram leves traços a aguçar a argúcia dos arqueólogos, muitas delas têm uma impressionante permanência tempo-espacial. Delhi, na Índia, na qual se superpõem onze configurações morfo-estruturais através dos tempos talvez seja um recorde. Roma, Paris, Londres, Moscou oferecem riqueza de problemas de arqueologia urbana. Nas civilizações pré-hispânica das cordilheiras americanas, o México oferece o melhor exemplo de superposição de "culturas" urbanas. Nelas todas, e em outros muitos exemplos possíveis, há uma imensa riqueza de material esclarecedor sobre a invenção humana ao implantar-se, coletiva e concentradamente, sobre um dado contexto natural que lhe serve de "sítio".

A grande dificuldade, que subsiste através dos tempos, tem sido sempre aquela de entender como ao implantar-se, de modo aglomerado, num dado lugar, em meio a natureza (SÍTIO)

para promover as finalidades sociais (FUNÇÕES) e polarizar a organização econômica dos espaços regionais (POSIÇÃO), o resultado do construto urbano venha a atingir foros de "harmonia" expressa numa positiva ou satisfatória qualidade (SANITÁRIA E ESTÉTICA). As diferenças - ao longo dos tempos e nos mais variados espaços - entre as regras adotadas e os modelos resultantes têm aberto sempre o campo à crítica, debates e propostas de renovação. Daí abir-se o campo às mais variadas expectativas até a categoria das utopias: estéticas, políticas, teológicas, etc.

Mas os problemas e insolúções urbanas têm muito a ver com a ordem de grandeza ou categoria dimensional do fenômeno. Se eles se avolumam nas grandes cidades e culminam nas megalópoles de hoje, o fenômeno urbano pressupõe uma rede que se hierarquiza pelo espaço de modos os mais variados.

O final do nosso século apresenta como um caráter especial - a par do grande crescimento da população do globo, que já ultrapassou os cinco bilhões de habitantes - as megalópoles que se produzem em verdadeiras regiões metropolitanas.

A escala atingida pelo fenômeno que é a cidade - demonstração gráfica da categoria dimensional - quando nos damos conta ou refletimos sobre o fato, é impactante. Ficou profundamente marcado no meu observar para conhecer a comparação que me foi dado constatar por ocasião de dois vôos diferentes no oeste dos Estados Unidos. Num deles, entre Los Angeles e Austin, Texas, foi-me dado ver às 9 horas da manhã de um dia da maior limpidez de céu e exposição de luz o "Grand Canyon" do Colorado. No outro, noturno (21 horas) entre a cidade do México e São Francisco, se me descortinou a visão de Los Angeles e sua gigantesca conurbação. A comparação levou-me à dúvida. Entre a lenta elaboração geológica do vale e a breve implantação humana da cidade, qual seria o resultado mais surpreendente? Considerando as variações ou reduções que a escala vertical (12 mil metros de altitude) submete à realidade horizontal o efeito da percepção "visual" era equivalente em grandeza. Em síntese, a obra - ou derivação - produzida pelo homem na natureza equivale, neste caso, à grandiosidade do trabalho das próprias forças da natureza.

Se a este exemplo maior adicionarmos todo o conjunto hierárquico de uma rede de cidades - e sua rede de circulação e transportes - pelo território, chegaremos a pensar na interpenetração que hoje se produz entre o rural e o urbano. O campo que se impregna do modo de vida e do conforto do urbano e a cidade que procura inserir no seu domínio a presença da natureza. Assim além de grandioso é um fenômeno conspícuo: a cidade está por toda parte. A ordem econômica tece a sua teia no espaço primitivo, impondo o viver social aglomerado.

Isso nos leva forçosamente a considerar não apenas o resultado final do urbano, as estruturas resultantes, mas aquela de compreender o processo de urbanização. As grandes diferenças - e o próprio antagonismo - entre o campo e a cidade parte de um importante processo histórico. Naquele extraordinário período de conquista da natureza que foi o deflorestamento na Europa Ocidental no início da Idade Média, definiu-se o contraste violento entre o campo - território recém conquistado ao cultivo selecionado de alguns produtos (animais e plantas) - e os burgos ou os mosteiros, que marcavam esta diferença de domínios pelas muralhas e fortificações. O campo, abastecendo o burgo e a cidade nascente na paz; a cidade, como centro permanente de trocas e lugar de abrigo e proteção dos camponeses durante as guerras. O burgo ou cidade inicial primou por uma tentativa de inteireza se não de auto-suficiência, pelo menos de síntese bem estruturada. O Mont-Saint Michel, uma antiga abadia-burgo em meio aos "pré-salés" entre a Normandia e a Bretanha; San Geminiano, com suas torres dominando os campos de Toscana, são exemplos dessa vida urbana concentrada, embrionária e contrastante com o campo.

No século XVIII, com o crescimento das cidades européias ao advento da primeira revolução industrial, a cidade já crescida sente falta da natureza que lhe estava próxima. Assim cogita-se de incorporar às cidades os primeiros jardins públicos (por volta de 1740).

Neste final de século, segundo os países e regiões, as relações cidade-campo são bem complexas. As cidades grandes mais bem realizadas não expulsaram de todo a natureza de seu interior. Outras enfatizam a elaboração de uma paisagem totalmente dirigida ao aço e ao concreto, mineralizando-se. Mas o

viver no campo é, cada vez mais, influenciado pelas cidades. Em espaços nacionais restritos como os de alguns países da Europa Ocidental, como a Bélgica, por exemplo, quase não se nota diferenças marcantes, a não ser, talvez, que o maior uso de "tamancos" sugira uma predominância "campestre" no "cidadeão".

Os participantes de uma das excursões realizadas ao interior da URSS (República Russa) durante o Congresso Internacional de Geografia de 1976 ficaram admirados ao ouvir declarações de camponeses de uma das fazendas coletivas de que não sentiam saudades da tradicional casa de madeira de janelas entalhadas, com jardins à frente. Quem passa a semana toda no campo, trabalhando a terra, ou em cima de uma ceifadeira mecânica, prefere viver em apartamento com conforto de instalações citadinas: gás, eletricidade, com um empório no andar térreo e ter tempo, nos fins de semana, para ir aos centros culturais ouvir música, assistir filmes ou representações teatrais.

A medida que se desenvolvem as tecnologias e sobretudo aquelas de comunicações, as diferenças vão diminuindo. E a televisão se encarrega de homogeneizar os falares, as vestimentas, os costumes. Em nosso Brasil de contrastes e contradições nesse particular avulta uma grande diferença entre Sudeste-Sul e Norte-Nordeste.

A reconstrução da Europa Ocidental no pós-guerra e as experiências de "cidades novas" e cidades jardins atenuaram essas diferenças. Lembro-me que o saudoso professor André Libault¹ ao nos visitar - após seu regresso à França - dizia-nos: "Parece que eu atualmente moro em Tours mas talvez seja melhor dizer que eu moro na Tourraine (região) pois o que vejo das janelas do apartamento é um trigal".

Há ainda um debate aberto - nos países ricos, naturalmente - sobre as vantagens e desvantagens entre a aglomeração urbana e a diluição e disseminação de bairros pelo meio dos campos. Nas cidades da América do Norte, ao mesmo tempo em que os bairros residenciais, centros comerciais e empresariais se inserem pelos campos, os centros deteriorados das mesmas es-

tão sendo reestruturados e modernizados. Aqui entram os problemas de infra-estrutura e serviços, considerando-se que, por requererem investimentos maciços, são vistos como menos dispendiosos quando concentrados.

As regiões (ou países) economicamente bem definidas e estruturadas primam pela clareza da ordem hierárquica do seu sistema urbano. Veja-se o caso da França com Paris ao centro de um espaço em torno do qual se desenvolve uma hierarquia bem clara de diferentes graus de organismos urbanos entremeados de "campo" e ligado por uma eficiente rede (estrutura) e sistema (processual) de transporte. No outro extremo veja-se a Amazônia, onde o grau de ocupação, a incipiência do desenvolvimento econômico esboça um quadro urbano pontualizado em organismos mais próximos do embrionário, quase sem hierarquia e com uma distância e carência de polos ordenadores da economia regional. Na "entrada" - o porto de Belém - é ainda um ponto de encontro da coleta e extração de recursos naturais básicos. Onde não há diferenciação, competição e especialização, não há ensejo de polarização e hierarquização urbana.

Entre o campo e a cidade giram os sonhos de viver do homem, abrindo espaço permanente para as insatisfações e novas propostas de utopia.

Prever o futuro agora é muito difícil, se não impossível. Numa consideração de espaço-tempo do fenômeno urbano projetado ao futuro, talvez venha a ser mais proveitoso dar alguma atenção as estratégias que o homem, através da evolução de sua "cultura", tem dispensado ao processo de **mudança**. As utopias urbanas são **modelos** idealizados que refletem os **resultados** almejados. Elas nunca, ou raramente, fornecem a explicação dos meios ou processos para alcançá-las. Há ênfase nas novas **regras** e nos **modelos** ideais.

Dentre as utopias urbanas, aquela de caráter político que é A República, de Platão, leva-nos a este sempre lembrado filósofo. Na impossibilidade de atinar com o futuro da cidade, a partir do confuso "mirante histórico" do nosso agora, talvez seja proveitoso pensar sobre o exemplo platônico, se não como finalidade de explicação pelo menos como meio de encaminhamen-

to de um raciocínio. Tomemos como **ponto de apoio** um famoso preceito platônico.

"A **razão** é, ao mesmo tempo, fonte de **ordem** e fonte de **beleza**."

Base mesmo de toda a cultura e civilização dita "ocidental" a civilização grega foi, antes de tudo, uma civilização **urbana**. Deste preceito permitam-me extrair as três palavras-chave para conduzir a nossa abordagem: "**razão**", "**ordem**" e "**beleza**". Logo no início é possível perceber-se que estes conceitos (das palavras-chave) têm variado muito através dos tempos. A seta do tempo projeta-nos a idéia do antigo, moderno, contemporâneo. E no contemporâneo estamos agora no emaranhado dos usos - os mais variados possíveis - "modernidade", "pós-modernidade", o que, de si, já é revelador de uma soleira para a mudança.

Que relação poderia ter esta discussão com o nosso tema? Acho - e procurarei convencê-los ou predispô-los - que ele é fundamental para o seu entendimento.

Qualquer levantamento que se faça atualmente sobre os sentidos em que são usados "moderno" e "pós-moderno" (modernidade, sobretudo) nos aproxima do caos². Prendendo-se a fatos "temporais" são usados nos mais diferentes campos do saber e nas mais diferentes concepções que se possa imaginar no fluxo diacrônico de um suceder. Na complexidade dos "moventes" ele pode ser usado a qualquer momento ao longo dos elos de uma infinita **cadeia**³.

Parece que a expressão "pós-moderno" mais recuadamente utilizada deu-se por volta de 1880 quanto o pintor inglês Chapman assim se definia, querendo significar que ele seria "mais moderno" que os impressionistas franceses. Meio século depois, o termo passa do campo das artes àquele da História quando Toynbee, em 1938, admite uma fase "pós-moderna" da cultura européia, identificada a partir de 1875. Um dos campos em que o termo marcou maior presença e discussão foi aquele da Arquitetura, a partir de 1949, num artigo de Joseph Hudnut contra a Bauhaus, rotulado "The Post-Modern House", assunto retomado com mais profundidade por Charles Jencks, no decorrer dos anos

setenta, ao criticar o estilo standartizado e abastardado das reconstruções do pós-guerra que, enquanto se tornava elitista e sofisticado de um lado, no "popular" esquecia as mais banais aspirações do homem. O "pós-moderno" em arquitetura viria conciliar estes graves defeitos. O projeto do arquiteto inglês James Stierling (1984) para o Museu de Arte Moderna de Stuttgart poderia ser tomado como expressivo exemplo do que hoje se considera arquitetura "pós-moderna". É algo que procura conciliar o uso das técnicas mais sofisticadas da construção e agradar o público por meio de uma decoração multicolorida e lúdica, dirigindo-se em retorno à imponência do "clássico".

Para os geógrafos, historiadores e cientistas sociais, o uso veio do campo da economia quando Alain Tourraine, em 1969, referiu-se ao nosso ingresso numa era "pós-industrial".

No meio desse "imbróglgio" selecionei três abordagens que me pareceram especialmente esclarecedoras. Se a linguagem é um meio vivo e essencialmente dinâmico na composição do "humano" e a poesia a forma mais refinada e sintética de linguagem, o primeiro subsídio provém da crítica literária em Harold Bloom⁴ que, aplicando à crítica fundamentos de Freud-Lacan, elabora uma estratégia "revisonária" da história literária à luz do complexo de Édipo e chega a asserção seguinte:

"Todo poema não é mais do que uma série de dispositivos que podem ser interpretados como estratégias, retóricas e mecanismos de defesa para a desleitura de outro poema."

Nesse desejo linear e contínuo de superação do **modelo** antecedente ou "genitor", aqui sugerido pela "Angústia da influência", podemos dar-nos conta da "permanência" de intento ao curso desta mutação. Isto requer, naturalmente, um estado de **tensão** que trai grupamentos diferentes de intenções: se de **desenvolvimento**, concebendo-se a realização de um **projeto** ou de **progresso**, entendendo-se por isso "emancipação dos poderes do espírito".

Guardando aqui a idéia necessária de "tensão" entenderemos porquê do "poema" de Bloom podemos passar às "cidades invisíveis" de Italo Calvino, onde, longe de ser um exercício formalista o escritor italiano é capaz de expressar nelas (ci-

dades de nomes femininos) "a tensão entre racionalidade geométrica e emaranhados das existências humanas". Aqui, na descrição - em prosa - dessas metrópoles atemporais, ele foge da imposição racionalizante, e, sob forte tensão, as encaminha para o mito.

A segunda abordagem - aqui extraída como subsídio de mensagem - provém de alguém preocupado com a estética e seu desenvolvimento-progresso no tempo: o pensador francês Jean-François Lyotard⁵ do qual extraio duas asserções a propósito de "modernidade".

"A pós-modernidade não é uma nova era, é a reescrita de alguns traços reivindicados pela modernidade (anterior) e do início de sua pretensão em basear sua legitimidade no projeto de emancipação da humanidade inteira pela ciência e pela tecnologia."

Ao explicar esta asserção e o seu propósito (em entrevista) mobiliza também um elemento freudiano - a fobia ou pavor "insensato" que a paciente Emma era acometida diante das lojas nas quais não ousava entrar sozinha - propondo a analogia entre Emma e a sociedade do Ocidente Moderno que acredita poder curar-se de sua fobia atual apelando para uma forte dose de "heroísmo" para assegurar-se um futuro onde possa "entrar em todas as lojas".

Preconizando um resultado desastroso para esta pretensão, ele ajunta:

"Ao longo de toda a modernidade (que já está velha) a "pós-modernidade" é a tentativa de estender a angústia que dá lugar à fobia e à sua repressão "ativista".

Aqui já adiantamos mais um passo importante. A desleitura do poema acrescentamos a reescrita no projeto de emancipação da humanidade. Gerações seguintes de poetas; modernidade (já velha) e pós-modernidade (novo projeto) aqui se confirma e complica a continuidade (ou perenidade) da mutação, ao longo do tempo. Do poeta, ser individual, à humanidade, o coletivo absoluto.

A terceira luz, a mais iluminadora, provém de um filósofo-teólogo brasileiro, Henrique de Lima Vaz, no seu artigo, "Religião e Modernidade Filosófica"⁶.

Ensina ele que apenas a civilização do ocidente apresenta as condições necessárias e suficientes para que nela viesse a surgir a forma do saber que denominamos "filosofia". Em torno do século VIII a.C. na época clássica da história do Mediterrâneo Oriental que, da célula grega, estendeu-se pelo contorno mediterrâneo, península ocidental do continente eurasiático até as Américas num continuum que - sem grandes rupturas - já abrange 26 séculos. Como civilização filosófica é diacrônica, posto que faz do modo temporal do **agora** o mirante histórico privilegiado para medir e julgar o **tempo**. Assim o "tempo" passa a ser "o lugar do conceito, ou filosofia, que é tempo captado no conceito".

Daí encontrarmos o fato surpreendente de que muitos dos problemas do nosso agora já tenham aparecido claramente - em esboço ou bem delineados - na Ilustração Grega. Especialmente no V século, o século de Péricles. Aí, na órbita da **razão** filosófica - a **razão** demonstrativa ou o **logos** como **episteme** ou como **ciência** - passa a ocupar o centro simbólico da civilização grega. Assim, a filosofia situada no **presente** da reflexão pode conferir ao mesmo presente a dignidade do **novo** que advém ao tempo **como diferença qualitativa na identidade do seu monótono fluir**.⁷

As diferenças que surgem no **novo**, no **moderno** (até o pós-moderno), neste suceder, são seqüências de sistemas centralizados em um dado tipo de razão (filosófica) que ocorre num dado tempo.

Assim, na civilização ocidental, há uma razão presidindo a organização "solar" de um sistema que nasce com a primeira modernidade: a Ilustração Grega.

"... Essa estrutura planetária será, daí por diante, a estrutura fundamental do céu simbólico das modernidades que irão se suceder na história do Ocidente. Tantas serão elas quantas forem as formas de Razão, filosoficamente configuradas, que ocuparem o centro do sistema de cultura.

A modernidade pois, vista desde o ângulo da conceptualização filosófica, significa a reestrutu-

ração modal na representação do tempo, em que este passa a ser representado por uma sucessão de modos ou de atualidades, constituindo segmentos temporais privilegiados pela forma de razão que neles se exerce. Nesse sentido o tempo é vivido como propriamente histórico e nele alguma coisa acontece que pode ser chamada qualitativamente moderna.....

... para falar como Hegel no qual a filosofia traça uma nova forma de Razão. Na órbita dessa nova forma organiza-se, então, o sistema simbólico da modernidade."

Importantíssima é ainda a distinção que o filósofo je-suíta estabelece entre **ciência histórica** e **consciência historiadora**. Entenda-se a primeira como:

"... discurso explicativo do passado, pois nela a representação do tempo mostra de forma explícita a transformação qualitativa operada pelo ingresso da memória coletiva do passado na órbita do presente privilegiado da Razão".

Já a **consciência historiadora** é, por excelência, uma **consciência moderna**. Exemplo: Heródoto e Tucídides são praticamente contemporâneos, mas, de um a outro, a **narração histórica** acaba por integrar-se plenamente na **Ilustração Ateniense**. Daí decorre que:

"Pensada filosoficamente, a idéia de modernidade é, assim, corretiva à formação de uma **consciência histórica**, cuja primeira característica é o privilégio conferido ao próprio ato de filosofar na atualidade de seu exercício, de ordenar e julgar o tempo, e cuja primeira manifestação é pois, o aparecimento da **consciência historiadora**."

Da primeira modernidade (**Ilustração Ateniense** ou Grega) até os nossos dias, muitas modernidades se têm sucedido, ao sabor das mutações das Razões da filosofia, tornando, assim, o tempo - no dizer de Platão - "a expressão móvel da eternidade imóvel" ou, naquele de Aristóteles - "a medida do movimento regido pela eterna revolução circular dos atos divinos".

Para o propósito deste artigo melhor será determo-nos na última modernidade acontecida, e já velha, a qual a da crise

histórica que atravessamos já é um prenúncio. Pode-se datar a soleira como acontecida em 1629 - ano em que Descartes escreveu as *Regulae ad directionem ingenii* - onde evidencia os sinais de ruptura com a razão aristotélica. Esta é a modernidade que vinha vigorando e na qual a concepção do Universo repousava na visão mecanicista da física de Newton, base de todo o conhecimento científico. A partir do século XIX, e mais enfaticamente no início do século XX, acumulam-se sinais evidentes da necessidade de elaboração de uma nova Razão. E é a partir daí que têm proliferado enormemente as diferentes propostas de modernidade e soleiras para pós-modernidades. Diferentemente da penúltima (a última já velha) não se poderá alcançar a precisão de uma data mas a sobrecarga de eventos superpostos ao longo deste século. Só o futuro possibilitará a marca do "ponto de mutação".

Um dado quantitativo importante sobre esta mutação poderia ser extraído da própria urbanização do planeta Terra. Para uma população que já atingiu os cinco bilhões de habitantes, constata-se que ela se tornou eminentemente urbana. Dos 735 milhões de urbanitas em 1950 passou-se, em 1985, a dois bilhões enquanto as projeções para o ano 2000 estão em torno dos três bilhões.

Assim, neste final de século, de recursos escasseantes e de poluição deflagrada, o homem passa a viver, cada vez mais, de modo intensamente aglomerado. A cidade é por excelência o lugar do homem na Terra, o seu habitat. A questão ambiental se associa intimamente à questão urbana.

A cidade é um fato. A urbanização é um fenômeno irreversível.

2. A Grande Crise. A Cidade e o Caos

Uma das melhores evidências de um momento capital de passagem de uma modernidade para outra é o desencadeamento de uma fragorosa **crise**. A primeira modernidade (Ilustração Grega) foi acompanhada de uma crise. O nosso **agora** - já não há dúvida - é uma

grande crise histórica^B. É o momento das desleitura, dos desmontes das estruturas para que se possa elaborar a reescrita, as reestruturações, enfim, elaborar uma nova razão. Impossível marcar o evento definitivo como apontar o autor da proposta da nova razão inauguradora dessa "modernidade". Mas há o embaraço do acúmulo de eventos, a multiplicidade de propostas acompanhadas de dúvidas, descrenças, revolta, até indignação.

Parece melhor indicado apontar aqui momentos do século em curso para exibir a força das mudanças e a brevidade do tempo que os separa, com o intuito de clarificar o raciocínio para o nosso tema.

Se olharmos para o início do século veremos que ali ocorreram fatos os mais relevantes em diferentes domínios do saber humano. É o tempo da Relatividade de Einstein (1905-1912), dos Quanta com M. Plank (1901-1912), de Picasso pintando "Les Femmes d'Alger" (1907), de Freud revelando a interpretação dos sonhos (1900). As grandes cidades atingiam o primeiro milhão de habitantes. O domínio do homem sobre o planeta chegava, a duras penas, à conquista dos pólos (1907). A tecnologia dos transportes, engatinhando na navegação aérea, lançava-se nos mares com o Titanic (o insubmergível) que na viagem inaugural foi a pique por um "iceberg" (1912). A revolução russa inaugurava (em país insuspeitável posto que rural) o socialismo, enquanto se anunciava o fim do capitalismo. Nesse início de século o Brasil, recém entrado na República, viveu o auge da exportação do café enquanto perdia o mercado da borracha da Amazônia. Malgrado sua classificação econômica no "ranking" mundial era a terceira Marinha do Mundo. Euclides da Cunha apregoava: "Estamos condenados à civilização. Ou progredimos ou desapareceremos." A cidade de São Paulo, ao entrar nos anos vinte, muito menor que o Rio de Janeiro, era a melhor infra-estrutura e qualidade de vida urbana do país.

No meio do século o salto já era grande. O homem já se lançava à conquista do espaço inaugurada com o Sputnik (1957) e, com sucesso, projeta-se e vem de volta, em sua viagem à Lua (1969). Inicia plataformas e estações espaciais. Os eventos importantes são tantos que se fica embaraçado na escolha, se não da impossível data, pelo menos de um segmento temporal

para indicar esta importante soleira.

Por solidariedade "corporativa" poderia seguir a sugestão do geógrafo David Harvey⁹ que, ao aplicar a noção de modernidade à economia, apresenta o segmento 1965-1973 como um marco na "inauguração de um novo sistema econômico e social". Ignorante do mecanismo econômico, eu não saberia julgar a proposta mas seria bastante lembrar a Conferência de Estocolmo (1972) e a crise dos Combustíveis desencadeada pelo petróleo árabe (1973) para concordar com a escolha.

A questão dos combustíveis está superposta à "questão ambiental" e não seria exorbitante apontar o período como aquele da discussão intensiva a ponto de deslanchar a "questão urbana". A São Paulo do prefeito Olavo Setubal e a New York do prefeito Edward Koch, irmanam-se face à impotência de ambas em solucionar os seus problemas.

Chegamos assim à **grande crise** e ao cerne do nosso tema. A crise que se espelha na cidade é acompanhada de modo equivalente na ciência, que, embora capaz de gerar a alta tecnologia que atingiu, enfrenta sérios problemas como sua "rationale". A **razão** cartesiana mostra-se insuficiente. De nenhum modo desacreditada mas certamente insuficiente. Enquanto isso, a filosofia ainda não reescreveu a nova razão. Vive-se, antes, a demolição da razão anterior, avizinhandose da barbárie, num irracionalismo constrangedor.

Mas, como ensinam os chineses, a crise é, ao mesmo tempo **perigo** e **oportunidade**. Em tal estado de **razão**, quais as oportunidades futuras para **ordem** e **beleza** na cidade? As duas últimas estão intimamente ligadas ao trabalho do homem em **derivar**¹⁰ a natureza, à qual ele pertence e da qual é **agente**. Se a crise exige soluções para as derivações negativas quais as possibilidades de canalizá-las para derivações positivas?

Ao focalizar o **futuro da cidade**, isto exigiria, pelo menos que se completasse o esquema iniciado pela comparação do início e meio do nosso século com a entrada do próximo, já não tão distante.

Mas as mudanças se processam hoje com tal rapidez que uma das características da grande crise histórica do agora é exa-

tamente a retração do horizonte projetivo. Tanto é assim que, nestes momentos, torna-se evidente - como parte do irracionalismo - o apelo aos **oráculos**. Mas até o homem da grande era tecnológica encontra, mesmo na ciência, uma limitação à sua capacidade de prever, com exatidão, toda uma série de fenômenos complexos cujo princípio de **ordem** lhe escapa. Daí colocarse a validade de tecer um jogo de estratégias alternativas.

A mim me parece que um dos esteios fundamentais é refletir sobre a grande contradição do mundo atual: enquanto a tecnologia das comunicações e informação aproxima o mundo a ponto de induzir a idéia da "aldeia global", o jogo do poder político criado pela configuração do espaço econômico cria o maior contraste, seja dentro das nações mas sobretudo no grande conjunto que elas constituem no globo.

O primeiro tópico a ressaltar é que o mundo em crise histórica do nosso agora é um **mundo dividido**, onde os espaços econômicos são partilhados de modo a promover a desigualdade e os contrastes. A Conferência de Estocolmo (1972) ao tratar da questão ambiental, teve como conclusão fundamental aquela de que o mundo se divide em países ricos e países pobres os quais têm visões completamente distintas do problema. O que acontecerá na Conferência do Rio de Janeiro? Se em Estocolmo reuniram-se mais eco ativistas, intelectuais de diversos campos do saber e de investigação, aquela do Rio (1992) terá, ao que parece, chefes do Estado, o que lhe confere status de excelência política. Muito provavelmente poderão confirmar a evidência de que existem países "competentes" que solucionam os seus problemas com **rapidez** e países "incompetentes" atacados de grande **lentidão** no agir. Esta antinomia deverá sobrepor-se àquela de credores-devedores, dominadores-dominados? Aguardemos o grande evento que se aproxima.

No que se refere especificamente às cidades, em pouco tempo evidenciou-se o fato de que o crescimento delas não acompanha proporcionalmente a pujança econômica. Foi-se o tempo em que a maior cidade do mundo em população também o era em riqueza, como aquela Londres até os seus seis milhões de habitantes. O jogo da economia - apoiada em corporações multinacionais mais do que em governos - permite que grandes centros de riqueza estejam sediados em cidades não espetacularmente

maiores¹¹. As maiores cidades passam a sê-lo pela excessiva concentração populacional "implodida" nelas, pelas desorganizações dos espaços rurais nos países não desenvolvidos. México e São Paulo serão as grandes megalópoles do início do século XXI.

E as diferenças e abismos econômicos se refletem não apenas dentro dos países a espelhar na cidade seus contrastes econômicos internos. Isso é peculiar às metrópoles - às vezes incompletas e satelitárias - dos países em desenvolvimento, onde a implusão demográfica advém de migrações internas impostas pelas profundas desigualdades regionais. Em escala bem mais ampla, as grandes metrópoles dos países ricos, hegemônicos na economia mundial, estão longe de ser paraísos de ordem e beleza. É bem sintomático que Nova Iorque, Los Angeles e Miami sejam cidades acentuadamente "bilíngües" graças à concentração - sem falar nos guetos negros - de latinos (portorriqueños, mexicanos e cubanos). Embora em padronagem diferente, as metrópoles européias de hoje - sobretudo as sedes dos países líderes do colonialismo de ontem - estão sobrecarregadas de altos contingentes de "indesejados" imigrantes. Tal como a Roma declinante sob as hordas de bárbaros e colonizados, Londres, Paris, Frankfurt lutam contra estes "indesejáveis" dando origem a sombrios movimentos racistas, inclusive neo-nazistas.

A Europa, que se quer unificada em 1992, vê-se abalada, paradoxalmente, por movimentos revolucionários internos - irlandeses, bascos, catalões - que culminam no atual drama da Iugoslávia. A unificação da Alemanha, após a queda do muro de Berlim, revoluciona o quadro atual do poder mundial, ajudada pelo desmoronamento do comunismo.

A grande e poderosa União Soviética de ontem, no caos econômico, se fragmenta a cada dia. O grande império colonial herdado dos tempos de Pedro e Catarina - os grandes - quebrada a sutura do Partido Comunista, agora se esfacela.

No que concerne à "natureza" há também a assinalar uma grande diferença, especialmente no que concerne à biôta, entre as partes intra e extra tropicais. Os domínios intra tropicais, reconhecidamente mais exuberantes e variados, possuem

relações ecológicas disparmente frágeis, susceptíveis de desgaste rápido e maior dificuldade de recuperação.

E esta divisão - o que é mais importante ainda - é feita até no que concerne às "civilizações". Ao admitirmos a **civilização filosófica ocidental**, estamos discriminando a maior parte da humanidade. E, se as Américas estão incluídas naquele contexto "civilizatório" no que se refere ao desenvolvimento, elas são nitidamente divididas, dando margem a uma América Latina, sub e intertropical exoticamente destoando, em termos econômicos, do grande conjunto.

Esta divisão desigual configura-se como um dos sérios inconvenientes ou mesmo perigos do nosso agora. E aqui, ao lado dessa força "divisora" da organização econômica e do jogo do poder mundial, contrapõe-se a força "unificadora" da comunicação e informação. A apurada tecnologia das comunicações possibilita uma certa ubiquidade do homem de hoje, ligado a todos os lugares por uma rede poderosa de notícias que informa, sobretudo visualmente e deixa ver essas diferenças. A substituição das sociedades "de classes" pela grande sociedade "de massas" vem transformando - pelo estímulo e motivação permanentes - sociedades que eram "disciplinárias" em sociedades sob controle, ou "dominadas".

O fator "velocidade" nas comunicações e transportes tem grande peso na elaboração do "modelo" da cidade hodierna. Uma das propostas de retrato mais interessantes do modelo urbano desse final de século é aquela elaborada pelo urbanista francês Paul Virilio¹². Tomando a velocidade como um dos vetores básicos do poder, ele aponta as cidades como ilhas "mineralizadas", ligadas pelo ar - aviões - e ao sabor das redes de comunicação inclusive com satélites espaciais. Isso gera - no estatuto atômico vigente - uma enorme insegurança territorial a cujo interior as desigualdades sociais geradoras de violência interna impõem maior reforço.

Paradoxalmente, esta aparente ubiquidade, como assinala Paul Virilio, quer significar a possibilidade de que a "tele-realidade apresentada ao vivo venha a suplantam a realidade da presença do espaço real dos objetos e dos lugares". Isto colo-

ca o homem de hoje numa posição de **"onipresença à distância"** que poderá ser capaz de levar o indivíduo a perder sua relação com o exterior. Esta é uma questão fundamental para a vida **aglomerada** do homem. Enquanto se desmonta e se procura uma nova razão há que considerar - no futuro da cidade - que se está produzindo toda uma reversão na ordem social.

A cidade "civilizada", até a virada do século XIX para o XX, era ponto convergente de criação, mostruário da capacidade de poder econômico, ação política, criação artística de um país. A Paris do Barão Haussman, a Viena do fim do século foram teatro de grandes reformas e embelezamento. Ali se alçavam tanto as expressões do mundo da cultura - bibliotecas, museus, teatros, praças de esportes, etc. - como as derivações nos elementos naturais da paisagem eram "engrandecidos" pelo engenho humano. A cidade adquiriu foros de grandeza, exibindo aquela razão pelo que oferecia de imagem do poder ordenador e embelezador do homem no seu lugar de morada. Nesse caso não era um local para se avaliar aquele bisonho dualismo da "luta" entre o homem e a natureza. Era antes, um mostruário da capacidade de exibir, acima de tudo, uma vitória da "cultura" sobre a primitiva natureza.

O lugar da natureza na cidade do homem, mesmo entre nós, tem seus momentos positivos: o replantio da Floresta da Tijuca e a criação do Parque do Flamengo (Burle Marx) no Rio de Janeiro dão exemplo disso. As favelas tanto do Rio quanto de São Paulo, a poluição do Tietê e da Guanabara, são o lado da "barbárie". As áreas degradadas do Brooklin, em Nova Iorque, o aterro sistemático dos igarapés de Manaus, são feridas no tecido urbano refletindo incapacidade de solucionar problemas sociais.

Nota-se, com certa razão, que a crescente tendência à uniformidade arquitetônica e urbanísticas das cidades diminui o vulto das obras de enriquecimento urbano interno (palácios, monumentos, etc.) destacando-se na paisagem a grandiosidade dos aeroportos, cada vez maiores pelo crescimento progressivo das aeronaves e também as vias expressas procurando facilitar o aumento da "velocidade"¹³. Este é o modelo que se aplica à organização metropolitana dos países ricos hegemônicos condutores da

economia e do poder.

Muitas outras, satelitárias e dependentes, exibem ao mesmo tempo uma parte que se quer aproximar do modelo "universal" e outra mergulhada em problemas específicos de suas dificuldades nacionais. Aqui nestas assenta bem o modelo traçado pelo sociólogo francês Alain Médam¹⁴ em que o jogo dialético entre a "cidade pressão" e a "cidade organização" é particularmente forte.

Mas a ambas não falta a caracterizadora dose de poluição ambiental e violência social tornando-as o território da insegurança. A cidade do final do século XX configura-se cada vez mais afastando-se da ordem e da beleza e identificando-se com o caos. Os grandes organismos urbanos de hoje atingiram um tal grau de complexidade que dificultam qualquer esforço de avaliação a partir daquele preceito platônico. A cidade, império da desordem e da feiúra, não pode evocar qualquer resquício de "razão".

Mas não será apenas mediante essa via estética ou artística que a análise da cidade hodierna se mostra difícil. Do próprio ponto de vista de uma análise científica. E aqui torna-se necessário evocar as próprias limitações atuais da ciência a enfrentar fenômenos de complexidade insuspeitada. E a própria ciência de hoje, malgrado todo o seu sucesso canalizado para a aplicação tecnológica, enfrenta sérios problemas e desafios. Também ela se vê atingida pela grande crise.

Assim, é da maior importância a compreensão da grande mutação por que vem passando a ciência do que muitos, inclusive grande parte dos cientistas, não se tem dado conta. Se a teoria da relatividade proposta por Einstein tem sido responsável por um abalo na concepção do universo (macrofísica), aquela dos Quanta, a partir do momento em que penetrou nos domínios do infinitamente pequeno (microfísica) além da unidade do átomo, pôs a nu que há graus de complexidade de tal ordem que estão a requerer outros raciocínios, outras geometrias, enfim outra razão. Se a cartesiana suplantou a aristotélica, faz-se necessário o aparecimento de uma outra. Se relatividade e quanta provêm do início do século, e não foram ainda perfeitamente assimiladas é em parte porque elas foram apenas novos

pontos de partida para uma seqüência de formulações novas, subseqüentes, cujo surgimento está ocorrendo agora, e as primeiras notícias e sobretudo a divulgação está em curso. Em meio a muita novidade, há inclusive uma preocupação com o "caos".

Eu próprio, ao encerrar minha carreira de geógrafo pesquisador preocupei-me, num esforço de autocrítica, em fazer um esforço maior para sondar estas promissoras oportunidades que estão surgindo na ciência. O resultado foi reconfortante pois, malgrado muitas limitações, deu para perceber que há um imenso grau de ampliação no horizonte da ciência¹⁵.

A ciência da modernidade passada - da razão cartesiana e da visão mecanicista do Universo de Newton - era uma ciência que supunha uma ordem universal e a perseguia, municiada de um método especial e rigoroso para descobri-la e revelá-la, com segurança, em termos de "verdade". Até acreditava ser possível explicar qualquer fenômeno, caso conhecesse seu "estado inicial".

Embora seguida ainda por muitos, esta ciência tem seus fundamentos seriamente abalados. Hoje, tem-se tomado consciência de sistemas dinâmicos instáveis. Já se enfrenta o enigma do "caos" que ora se apresenta com tanta freqüência que abala a noção de ordem do mundo e a validade ou rigidez das leis universais. Não se confirmam mais as causalidades lineares em certos fenômenos complexos que exigem mais uma conjunção de causas ou eventos sincronizados. Não se elimina mais o "evento", mas procura-se conciliar a necessidade abstrata das leis com a realidade dos eventos. Progride-se a passos largos em direção a uma nova razão, uma racionalidade que não seja tão pretensiosa a ponto de produzir um conhecimento que seja tomado como certeza absoluta ou erro, admitindo a possibilidade da dúvida. Lembremo-nos do princípio da incerteza (Werner Heisenberg) uma das brilhantes aquisições advindas do campo teórico dos quanta.

Este encaminhamento propiciará uma situação em que as ciências ditas exatas se aproximem das outras ditas humanas. Atualmente, a partir da Física - de onde têm emergido as maiores preocupações epistemológicas - embora em duas correntes aparentemente dissociadas (a dos "místicos" e a dos "agnósti-

cos") encaminham-se para a necessidade de uma episteme que seja mais **conjuntiva**. Chegam uns (os místicos) a preconizar compreensão do universo que seja oriunda de uma física mais "ecológica". E uma ciência mais integrada no campo geral da cultura.

Esta nova visão da ciência ajudará a fundamentação filosófica para elaborar a **razão** adequada ao futuro, marca e sinal decisivos dessa "modernidade moderna" se é que assim se poderia expressar esta que está nascendo. E nascendo não setorialmente, mas irmanando e harmonizando os diversos saberes.

Basta mencionar este fato para que se imagine também os problemas imensos que a Universidade de hoje terá que superar para adequar-se ao futuro. A pulverização dos saberes numa miríade de disciplinas, organizadas em departamentos estanques e estruturadas em unidades (escolas, faculdades ou instintos) ajudam a expressar este caos num negócio de concepções profissionais fragmentadas, de modo a estimular a rivalidade e o espírito de "corporação".

A tentativa de compreender as leis da natureza - sempre vistas "em separado" da permanente e perene ação derivadora do homem sob a coerção das forças sociais e do determinismo econômico - resulta apenas em frustração. O desempenho humano entre o jogo da natureza exterior e a sua natureza interior, passa por um viés fundamentalmente **cultural**. Daí a necessidade de andar derivando pela antropologia (Como estariam atuais os antigos cursos de Geografia e História!) e sobretudo procurando na criação artística aquilo que a ciência não tem sido capaz de **desvelar**.

A tensão produzida pelo efeito opoente das forças de integração a que somos submetidos pela informação e os "mass média" - ao lado do redimensionamento da ciência e sua orientação para o holístico e a constatação de que esta integração é dificultada pela natureza - "naturans et naturata" - das forças que nos isolam pelas diferenças (trópico sub-desenvolvido) econômicas é formidável. Equivalente, ou talvez mesmo superior àquela da luta do indivíduo em integrar-se na comunidade social e auto-afirmar-se como pessoa, como ser humano.

Estas diferenças no campo do econômico, excluindo "espaços" diferenciados, implica, do mesmo modo, em que se considerem "tempos" múltiplos de evolução histórica. Daí haver um panorama variado de cidades e falar-se, com razão, em discrepância sobre os significados e sentidos que se confere a "modernidades" quando dirigidas a campos setoriais ou restritos. Não é sem razão que o eminente antropólogo e atual Senador Darcy Ribeiro diga¹⁶ que "modernidade no Brasil com fome é todo mundo ter emprego, toda criança ter uma escola". Naturalmente aqui tem-se o conceito tomado em sentido peculiarmente restrito, posto que a "modernidade" se associa ao preenchimento de requisitos básicos da dignidade humana.

Se a seta do tempo, para avaliar a trajetória do homem, tem sido colocada na direção de uma linearidade diacrônica que fica atenta a perturbações ao longo desse trajeto - de que as revoluções científicas (de Kuhn) e a própria multiplicidade de "modernidades" dão testemunho - na segunda metade do século XX procurou-se dar ênfase a visões sincrônicas de combinações e arranjos morfológicos formais, em "estruturas" (estáticas) representativas de comportamentos, relações e desempenhos, em "processos" (dinâmica). A combinação dessas duas componentes chegou a um ponto em que se principiou a dar conta da existência de estruturas de alta complexidade ao mesmo tempo em que se percebeu que elas se viam dinamizados por processos altamente instáveis, longe do "equilíbrio", e até geradores de novas formas de energia interna, perturbadoras das estruturas. Chegou-se, assim, aos importantes conceitos de energias e estruturas "dissipativas". Para o entendimento dessas são necessários novos raciocínios, bem como as necessárias geometrias (estruturas) e álgebras (processos). Daí o advento das matemáticas ditas "fractais".

Retoma-se a discussão da famosa dúvida de Einstein: "O tempo é uma ilusão ou está na base do conhecimento da natureza?" A esta pergunta o cientista russo-belga Ilya Prigogine vem procurando responder¹⁷ no que ele admite ser uma "redescoberta do tempo". A física do não equilíbrio e o estudo dos sistemas altamente dinâmicos e complexos, forçou a uma revisão no conceito de "entropia", graças a estas importantes e insuspeitadas transformações internas, ditas "dissipativas".

Estas idéias foram evidenciadas não só na biofísica (I. Prigogine), mas em vários outros campos de investigação tais como na biologia, com os estudos de populações de Robert May (1970) que, por sua vez, sintonizam com as descobertas pioneiras do meteorologista Lorenz (1962-1964).

Hoje as equipes multidisciplinares de Prigogine na Universidade Livre de Bruxelas, aplicam estas novas concepções até ao **estudo das cidades**.

A desestabilização dos conceitos concernentes aos sistemas dinâmicos é um fenômeno preocupante pois, não se conhecendo as famosas "condições iniciais" - a partir das quais tudo se explicava - é forçoso incluir descrições probabilísticas. Atinge-se - na análise desses sistemas muito instáveis - o conceito de "tempo interno", a partir do qual se chega à conclusão de que **"a cada topologia corresponde uma idade interna do sistema"**. O nascimento das desordens e estados caóticos revoluciona aquela ciência obcecada pela ordem. E será muito difícil ajustar esse tempo interno à idéia de tempo especializado da Física Clássica.

E por estranho que possa aparecer, esta nova idéia de tempo - em suas características de duração - aproxima-se da idéia do tempo qualitativo do filósofo **Bergson**.

A separação entre o espaço-tempo **vazio** da Física e o espaço-tempo **ativo** das ciências da vida tende a se preencher. **"Começamos a reconhecer o papel criador do tempo e a admitir que a irreversibilidade constrói"**.

Se a irreversibilidade da urbanização em nosso planeta chegou a um alto grau de complexidade, aproximando a cidade do caos - a ciência do nosso "agora" está lançando-se exatamente na elaboração de uma teoria do caos.

3. A Possível Esperança para o Futuro da Cidade

Se a cidade - irreversivelmente a morada do homem - chegou à complexidade do caos, a ciência do homem acena com a possibilidade de desvelamento do caos. Isso equivale a dizer que a cidade do futuro poderá ser melhor planejada, planeja-

mento esse que será presidido por uma nova "razão", em via de elaborar-se no momento presente. Desde que - como já o admite a ciência - não sejamos tolhidos pelo trauma imposto pela obsessão do objetivo, do exato, do verdadeiro, mas conciliemos o físico ao metafísico, adicionado ao probabilístico, ao subjetivo, ao aproximativo, os planos poderão abrir-se a novas utopias.

A primeira grande dificuldade a superar é aquela, já apontada, da retração atual dos horizontes projetivos. Os exercícios de projeções demográficas são aterradores. Ao se estimar a população do globo em meados do século XXI entre 10 e 15 bilhões de habitantes atingimos algo quase inimaginável. Com esse número de seres humanos na Terra a única coisa que parece certa é que os termos da relação homem-natureza terão que ser colocados em bases inteiramente diferentes daquelas que vigoram no presente. E, mais do que isso, será absolutamente indispensável que também os termos de relações entre os homens - entre as nações e entre os elementos internos de uma mesma nação - terão que passar por mudanças radicais.

E com isso, ante tais números e tais expectativas de mudanças, como prever o futuro da cidade? Será tão difícil quanto prever o próprio futuro do homem.

Além da quantidade, há o problema da "qualidade" sem que com isso queiramos imputar juízos de valores, mas apenas constatar o vigente peso das diferenças.

Se pudéssemos tomar esses 15 bilhões de seres humanos da Terra como um "homem universal" de inimaginável homogeneidade, até que os exercícios futuroológicos, ajudados pelas perspectivas que se abrem à ciência, não seriam tão difíceis. Poderíamos imaginar um homem capacitado não só a regenerar as derivações negativas feitas na natureza mas, muito mais do que isso, conduzir - via biologia molecular, engenharia genética - a maravilhosas derivações positivas. Os campos se beneficiariam de novos produtos vegetais e animais; o trabalho diminuído de tal modo que as culturas - com novas fontes de proteínas, vitaminas (química alimentar em geral) - mais se aproximariam das indústrias do que das tradicionais lavoura e pecuária. As exibições na grande feira de Tsukuba (1985) nos levam a crer nis-

so.

Mas, a esta fundamentação científica para elaborar a utopia da cidade desejável no futuro, maravilhosa em conforto edificacional e recriação de uma natureza (natura naturans / natura naturata) capaz de condicionar o maior proveito técnico, seria absolutamente necessário que se houvesse produzido um equivalente reequipamento no interior do homem, em termos de ética e moral. Só assim as maravilhas tecnológicas poderiam ser acompanhadas de paz e harmonia, de segurança e conforto.

Para continuar nessa linha conjecturalista, imaginemos o que poderá acontecer daqui a um semestre apenas na ECO 92 do Rio de Janeiro onde a discussão sobre a Amazônia será, inevitavelmente, um dos pontos centrais. As grandes potências supostamente "competentes" em ciência e tecnologia, não terão credenciais éticas e morais para a discussão tanto pela sua tradição e continuidade de dominação colonialista quanto pelas próprias mazelas internas advindas não só do choque com as etnias "indesejáveis" fruto de sua própria dominação sobre os outros países, mas da violenta disputa interna do próprio estoque que as compõe em sua base nacional.

E nós? Qual seria a atitude brasileira na discussão? É desejável que haja a necessária altivez para defender a soberania nacional. Apesar de estarmos em condições de "incompetência científico-tecnológica". E, infelizmente, estaremos em estado lastimável de credenciamento ético-moral, comprovado facilmente pelo exercício vigente do poder político e condições sociais dela resultante.

Somos viciados nas lamentações contra o que é feito de errado e injusto contra nós pelos outros países, pelos ricos e competentes que detêm a hegemonia do poder mundial. Mas dentro de nossas dimensões continentais esquecemo-nos do que fazemos aqui dentro, não só em termos de desigualdades sociais, mas sobretudo do que o poder político faz de errado em termos de "regionalização". As desigualdades de classes sociais se equivalem às desigualdades regionais.

Seria abominável que essa indigência ético-moral de competentes e incompetentes técnicos desse margem a disparates

do tipo "A salvação da Amazônia pela Dívida Externa". Erguemos memoriais arquitetônicos à América Latina esquecendo que, dentro da Federação que pretende ser a República, há também mãos que estão sangrando.

Embora participemos, pelo menos teoricamente, do dito mundo "ocidental", Brasil e América Latina são condenadas a uma marginalidade que principia, não na Europa, mas na Própria América. No pós-guerra era mais urgente reconstruir a Europa do que soerguer a América Latina que forneceu matérias primas (e as vezes vidas, como o Brasil) para o esforço de guerra. Agora é urgente socorrer a Europa do Leste e a própria ex-União Soviética.

O pauperismo crescente na América Latina se espelha sobretudo nas cidades onde a "cidade pressão" dos excluídos enchem as suas ruas desenvolvendo aquilo que se vem chamando de "economia paralela". O Rio de Janeiro se irmana nesse aspecto a Lima. México e São Paulo - as maiores cidades da virada do século - têm muitos aspectos em comum.

Internamente as "inteligentsias" dos países que compõe a dita América Latina são muito contraditórias e desorientadas. Muitos são os que permanecem arraigados a ideologias arcaicas que valeram para os países ricos no passado, numa perspectiva falsa movida por um "historicismo" exagerado e mal interpretado. Externamente as visões que os países ricos têm da América Latina - além de não favorecerem a que constituam uma "prioridade" - dirigem-se para ela ora como o sonho libertário-iluminista do "homem selvagem", ora como um laboratório a experimentar o neo-malthusianismo. E, ultimamente, parece que se vem elaborando um terceiro modo de encará-la¹⁸. Segundo apontou José Guilherme Merquior, em seu elogio a Octávio Paz por ocasião da premiação deste com o Nobel de Literatura:

"Por esta receita, nosso valor é sermos bárbaros, violentos e irracionais. Somos os vândalos simpáticos, os hóspedes a contra gosto da fria modernidade. Quanto ao direito e à técnica, o desenvolvimento e a democracia, deveríamos deixá-los nas mãos do Norte. Pois quem ignora (o) que significam repressão e alienação... Preservemos nosso privilégio: o gosto pelo delírio e a complacência no atraso."¹⁹

No caso da Amazônia, as óticas são completamente diferentes. Enquanto internamente se discute a necessidade de promover o inventário da bióta e promover um desenvolvimento harmônico, de caráter "leve", condizendo com as peculiaridades ecológicas regionais, por outro lado há a visão "geopolítica" que preconiza a necessidade de ocupar o espaço vazio e a enorme fronteira, promovendo o seu desenvolvimento, de modo rápido, em torno de "polos" assentados na exploração de recursos naturais "de mérito".

Para o exterior, sob a máscara da necessidade de preservação daquilo que seria "o pulmão do mundo", esconde-se o imenso potencial do maior "banco genético" capaz de oferecer matrizes da mais relevante importância às aplicações da engenharia genética.

Se no território brasileiro a Amazônia é ainda uma grande reserva de recursos - cujas tentativas de desenvolvimento econômico se têm mostrado problemáticas, difíceis e, até mesmo catastróficas em alguns casos - e o Sudeste e Sul são o core econômico, entre os dois extremos existem ainda várias categorias de desenvolvimento ou estagnação regionais. E, ao que tudo indica, a grande inaptidão do poder político tem sido aquela de não saber conectar e estabelecer sincronismos que procurem favorecer o desenvolvimento e o progresso do todo nacional. Assim, tanto os brasileiros quanto as suas regiões geográficas são separados por violentos contrastes.

Os conflitos entre a organização social e a composição do poder político em nosso Brasil - como em vários outros países do mundo sub-desenvolvido - não são apenas "arcaicos" como poderiam aparecer, mas especialmente estruturados numa estranha complexidade que encerra e mantém as maiores contradições. Os países adiantados, embora organizados em classes até mesmo com o domínio de umas sobre as outras têm a ver com proprietários e cidadãos. Embora no Brasil a Constituição teorize sobre a igualdade da cidadania, a composição social, além da divisão em classes, inclui uma massa considerável de população "desclassificada", desclassificação social decorrente de sua extrema miséria, falta de terra, teto, saúde, educação, etc., etc. A este descartamento social junta-se um aproveitamento políti-

co que faz dele um excluído enquanto **cidadão**, mas um precioso **cliente político**²⁰ mobilizado a serviço das classes dominantes. Este sistema dual, segundo Weffort não seria um sistema de "exclusão" posto que a mobilização política dos excluídos socialmente configura antes um sistema de dominação sobre massas "excluídas" e "incluídas".

São estas disparidades sócio-econômicas que respondem - muito mais do que as diferenças naturais - para que nossas cidades sejam organismos carentes e incompletos. Mesmo - e talvez sobretudo - as maiores metrópoles, onde o improvisado supera de muito o planejado, são deficitárias em saneamento básico e infra-estrutura urbana. O deslocamento dos contingentes migratórios das regiões pobres para as melhor encaminhadas em desenvolvimento torna as grandes cidades inchadas e deficitárias.

Quando os nossos cientistas sociais do Sudeste Brasileiro fazem perguntas do tipo abaixo estamos, internamente, seguindo o mesmo raciocínio da estruturação do poder mundial.

"... não teria chegado o tempo de admitirmos que, depois de toda a industrialização e a urbanização do Centro-Sul do Brasil, é ainda o poder enraizado nas áreas de predominância de grandes propriedades de terra, em geral no Norte e Nordeste, que serve de fundamento para o sistema nacional de poder?"

Parece, em primeiro lugar, haver um grande equívoco pois que "as grandes propriedades de terra do Norte e Nordeste" não têm mais população significativa, estão "esvaziadas", já que expulsas para os centros urbanos. E em nome desses falsos argumentos questiona-se "as distorções nos mecanismos de representação" de uma República que se rotula "Federativa". Como a população migrante, numerosa e mão de obra barata, flui para os centros mais desenvolvidos o que se questiona não é o peso demográfico²¹ mas sim o peso econômico. É graças a este peso que as grandes potências têm "direito de veto" na ONU. Se o mesmo critério prevalecer na ECO 92 estaremos mal.

Estas aparentemente desnecessárias considerações sobre o "poder" devem ser ressaltadas pelo significado que têm a propósito da articulação entre o saber (competência) e o poder de

realização (rapidez). Em relação ao primeiro, bastaria lembrar a velha frase, sempre repetida, de Francis Bacon: "O saber já é uma forma de poder." Mas essa componente da cultura é apenas parte de seu todo que se não pode dissociar das outras, sendo fundamental à relação dessa com a política pois que é baseado no saber que se estabelecem os anéis de dominação. E isto nos remete ao problema fundamental da própria condição humana, ou seja, aquilo que os gregos do período clássico expressaram no mito de Janus, com suas duas máscaras. Essa entidade bifacial quer expressar a angústia gerada pelas forças oponentes e complementares da auto-afirmação (individual) e integração (social). Esse é o onipresente dilema que acompanha o homem em todas as escalas de sua condição: desde o infante com a mãe, o indivíduo com o coletivo família, sociedade, nação. Que se repete a partir daí até as nações do planeta e quem sabe, prossiga pelo espaço rumo ao infinito.

Dois milênios de cristianismo não foram suficientes para modificar a conduta do homem no sentido de despojamento do (egoísmo) individual em prol do (fraterno) coletivo. Dizem que Lenine (1917) vibrou de entusiasmo quando a "sua" revolução ultrapassou a duração tão efêmera da Comuna de Paris (1871). A sua ultrapassou o mês mas não atingiria o século.

Os novos rumos da ciência podem ser tomados como um primeiro indício de esperança. Mas parece essencial que a nova razão que presentemente se elabora seja capaz de gerar um **novo humanismo**, para que uma mudança radical nos valores que conduziram a humanidade ao presente caos possa reforçar esta esperança. Se tomarmos o "condutor" da civilização ocidental pelo eixo que é a filosofia alemã, podemos admitir que a monumental ordenação no sistema filosófico realizado por Hegel para sintetizar o passado já recebeu o anúncio da mudança para a nova razão da modernidade entrante, da qual Nietzsche foi o incompreendido "portador". Repensando Husserl, Heidegger já apontara que a nova perspectiva do mundo será **acontecimento** produzido no homem.

Uma ciência que em vez de se distanciar se aproxima da arte e que re-interpreta a noção do tempo é um dos esteios para a esperança da elaboração de um novo humanismo. Esta apro-

ximação entre ciência e arte é algo de fundamental para o acontecer do homem projetado numa outra visão de tempo. Diferente daquela concepção de um tempo especial, homogêneo e isótopo no qual se pensava ter que esboçar o "futuro", surge um outro tempo. Em sua nova concepção o tempo surge como uma alvissareira e libertária esperança:

"Curiosamente, vemos se perfilar toda uma hierarquia de tempos internos: de um lado, tudo aquilo que vive possui seu tempo médio que procede de funções que têm cada uma seu tempo próprio; de outro, participa nos tempos dos coletivos e dos conjuntos nos quais figura sob qualquer título. Constituem-se assim, diferentes ordens de temporalidade que podem se operar em nosso "âmbito" interior com o chamado "mundo" exterior."22

Na impossibilidade de prever o futuro - já que a própria existência de um futuro do homem no planeta Terra depende de uma séria mudança **acontecida** dentro desse homem - e em função dessa nova concepção do tempo, talvez se possa fazer um exercício em direção à grande indagação que se levanta: foi possível em algum tempo na trajetória descrita pelo homem, encontrar algum sinal de mudança dessa magnitude?

Certamente será difícil apontar isso em termos de materialidade edificada. Mas talvez seja cabível confrontar momentos contrastantes reveladores de mudança no campo da cultura, sobretudo através da criação artística. Cabível em alguma manifestação substancialmente holística e completa, dotada de uma inteireza capaz de revelar - no campo geral da cultura - algum esclarecedor sintoma de mudança, que suporte este anseio de esperança.

Isto, em si, seria uma tarefa de desmonte, uma espécie de desleitura do caos atual buscando re-interpretar o sentido de outros "tempos". Quem sabe retomando aquela idéia de Bloom sobre a angústia da influência e a desleitura que um poema faz do seu antecedente talvez fosse de algum proveito tentar o desmonte ou a **desleitura** do **caos**. Sobretudo em algo em que se possa encontrar uma nítida e clara consideração do homem em relação a **natureza** e em relação à **cidade**.

4. Entre o Modelo e a Metáfora: A "Máscara" para a Elaboração da Utopia

A literatura, em sua força de criação, tem poder necessário a esta empreitada. A poesia, mais do que qualquer outra forma literária, porquanto é linguagem depurada em direção ao forte e ao sublime. O teatro porque cristaliza no diálogo a força de expressão e o conteúdo sintético que pode retratar um tal momento da trajetória do homem. Segundo os passos de Bloom e baseado naquela proposta dos seis estágios ou **razões revisionárias** que ele distingue para uma desleitura, talvez pudesse - se me perdoam a pretensão - forçar alguma analogia, ou mesmo correspondência remota, entre elas e o que aqui foi desenvolvido como "leitura" do presente "caos" centrado na cidade do homem, como expressão cultural de sua interação com a natureza.

As seis fases ou "razões" revisionárias²³ quando substituímos a erudição dos termos gregos, interligados por autor e tradutor, pelo equivalente sugerido em forma mais simples seriam: busca, queda, giro, progressão, mascaramento e combate. Uma reflexão atenta sobre esta seqüência operacional do crítico literário revela uma sensível correspondência com aquela da análise do cientista. A penúltima fase, aquela do "mascaramento", expressivamente correspondente à "askesis" e a "metáfora" equivale, de modo claro, em correspondência científica, à elaboração do **modelo**.

E a tendência atual, bem longe da altaneira e pretenciosa atitude de afastar completamente a análise científica da criação artística, admite a homologia que existe entre o **modelo** científico e a **metáfora** artística (literária). A dificuldade em exprimir a pretensa verdade científica e o aspirado sentimento artístico irmana as duas tentativas naquela "máscara" - meio ou sucedâneo de representação daquilo que se almeja revelar (na ciência) ou expressar (na arte).

Esta irmanação de elaboração científica e criação artística na razão revisionária da "askesis" - que é purgação e isolamento - em vez de coisa estranha, pode ser tomada antes, como algo essencialmente humano. É o que nos explicou Nietzsche

nesse trecho:

"Esse impulso à formação de metáforas, esse impulso fundamental do Homem que não se pode deixar de levar em conta nesse por um instante, porque com isso o Homem mesmo não seria levado em conta, quando se constrói para ele, a partir de criaturas liquefeitas, os conceitos, um novo mundo regular e rígido como uma praça forte, nem por isso, na verdade, ele é subjugado e mal é refreado. Ele procura um novo território para sua atuação e um outro leito de rio, e o encontra no mito e, em geral, na arte. Constantemente ele embaralha as rúbricas e compartimentos dos conceitos, propondo novas transposições, metáforas, metonímias; constantemente ele mostra o desejo de dar ao mundo de que dispõe o homem acordado uma forma tão cromaticamente irregular inconseqüentemente incoerente, estimulante e eternamente nova como a do mundo do sonho. É verdade que somente pela teia rígida e regular do conceito o Homem acordado tem certeza clara de estar acordado e justamente por isso, chega às vezes à crença de que sonha, se alguma vez aquela teia conceitual é rasgada pela arte".²⁴

Para escoimar possíveis preconceitos (positivistas ou científicistas) contra a poesia, sigamos o próprio Harold Bloom quando recorre a Descartes que foi capaz de escrever que:

"... pode causar estranheza que opiniões de peso sejam encontradas em obras de poetas e não de filósofos. A razão é que os poetas escrevem por meio do entusiasmo e da imaginação; existem em nós sementes do conhecimento, assim como há fogo na pedra; essas sementes são extraídas pelos filósofos por um esforço racional, mas os poetas as arrancam a golpes de imaginação, o que lhes confere um brilho redobrado."²⁵

Assim sendo, dentro desse parâmetro literário, é que me permito aqui apelar para arquétipos consagrados pela criação artística, no contexto de nossa cultura filosófica ocidental, para prefigurar aquela possibilidade de mudança de atitude do homem em sua relação com a "natureza" e especialmente com a sua morada "urbana", em tempos distintos, mas em vez de perseguir o confronto de modelos urbanos em diferentes monumentos históricos. O uso do arquétipo dessa relação, cristalizando o pensamento humano no mito e na arte, compromete-se menos com uma postura teórica do urbano, ligando-se mais à dificuldade

de leitura da cidade.

"Édipo", celebrado por Sófocles em mais de uma de suas peças na Ilustração Grega, da qual é um dos expoentes culturais mais expressivos e retomado por Freud no início do nosso século numa das mais revolucionárias "criações" para interpretar a condição humana, parece revestir-se das condições ideais. E antes de Freud, Édipo já fora proclamado por Nietzsche como capaz de "romper o encantamento do presente e do futuro, a rígida lei da individuação".

Ninguém negará que a força do mito de Édipo, evocado por Freud para expressar na **libido** a marca fundamental da condição **individual** do homem, tem a mesma força ou correspondência daquele esforço de Marx para colocar no **trabalho** a marca fundamental da sua condição **social**. Aqui se aproximam as duas "máscaras" de Janus.

Mas é também inegável que o Édipo celebrado por Sófocles em seu teatro é, acima de tudo, um mito **urbano**. O seu drama individual, o seu fado, é complementar à dimensão política. A tragédia do filho de Laio e Jocasta decorre menos do incesto do que de sua função política de herói vencedor da esfinge, salvador de Tebas da peste. É o reflexo do drama pessoal em sua incidência sobre o social que dá o peso político que se celebra no Édipo Rei. É o mito político, do urbano, naquilo que era o cerne da organização grega: a cidade estado.

Sófocles, em sua última produção, retoma o "herói" e o coloca, velho, cego e alquebrado, diante de outra tragédia em que o urbano é, mais uma vez, a meta principal. Em "Édipo em Colono", o velho e quase moribundo herói, procura um lugar para morrer. O lugar do sepultamento que completa a morte deve, por razões políticas - a disputa fratricida entre seus herdeiros masculinos Eteocles e Polinices - ser mantido oculto. Mais uma vez, as razões políticas se superpõem às pessoais. E mais uma vez é a relação homem-cidade que está em jogo. Em Édipo Rei o jovem e impetuoso herói, ao vencer a esfinge, conquista o seu lugar em Tebas, investindo-se do posto máximo, o de seu defensor: o Rei. Agora, em Édipo em Colono, é o velho e sábio Édipo que, naquele bosque da periferia de Atenas, **aspira** a ser admitido na cidade. E para isso submete-se - democraticamente

- a executar os rituais propiciatórios à sua entrada, uma admissão consentida pelos dirigentes da cidade, na ágora.

A relação homem-cidade na produção Sofocliana - expoente da Grécia no Século V a.C. - é a expressão da realidade política caracterizada através da democracia da cidade-estado.

Recuando muito naquele "tempo" grego, do V para o XII século antes de Cristo, num momento anterior à escrita, preservada na memória através da voz dos rapsodos, emerge outro arquétipo fundamental: O Ulisses, de Homero, retomado por James Joyce na elaboração da criação literária mais revolucionária do nosso século.

Enquanto na Ilíada Homero exibe o empenho humano coletivo na destruição, no horror lento que foi a terrível guerra de Tróia, na Odisséia - o atribulado retorno a Itaca - o que se celebra, naquele conjunto de peripécias a que se vê submetido o herói, é a capacidade do homem individual em enfrentar os desafios múltiplos da natureza para, finalmente, atingir o "seu" lugar. A destruição de Tróia exibe o conflito social entre os homens. No retorno à Itaca é a relação entre homem e natureza que se celebra.

A avaliação da "distância" que no tempo separa a condição cultural dos dois heróis é algo de imprescindível para o propósito que, neste ensaio, é a motivação central. Compilando análises já produzidas por outros sobre os dois arquétipos²⁶ e captando significantes e significados essenciais para o propósito em foco, o paralelo pode ser configurado na sinopse que se segue.

O Ulisses que Homero celebra na Odisséia, repetido pela tradição oral dos rapsodos, desde o século XII a.C. é um herói "de estirpe", eleito e protegido pelos deuses e musas. Como herói proto-racional ele vence os desafios do meio hostil através da "astúcia", como fica bem claro no episódio das se-reias. A longa viagem de volta, os desafios múltiplos que se oferecem a testar a capacidade do herói, conduzido por um deus ex-máquina é o universo de ação tão amplo que simboliza o universo natural e humano. Neste espaço amplificado entre o lugar do homem (Itaca) e seu horizonte maior (o universo entre

este e Tróia) o tempo de desenvolvimento devolve a Ítaca o herói sensivelmente metamorfoseado em seu aspecto enquanto este, igualmente, encontra uma modificada Ítaca. A paciente Penélope cercada de pretendentes, e o crescido filho Telêmaco também não o reconhecem no primeiro momento.

O Édipo celebrado por Sófocles, em teatro escrito e representado, desde Édipo Rei à entrada de Tebas não é um herói de estirpe mas um homem comum que, pelo próprio esforço, ascende a um poder que lhe foi conferido mediante uma ação racional, guiada pela lógica. Em vez de cortejado e protegido pelos deuses ele é, antes, uma vítima da indiferença ou mesmo da maldição deles, que lhe apõem a marca do seu funesto fado.

No Édipo em Colono, o herói, outrora jovem vencedor da esfinge e tornado rei de Tebas, e agora o velho cego aspirando à morte e sepulcro em Atenas é colocado, sempre, no universo de representação do local, do urbano. O homem em face da cidade.

Os momentos finais de Ulisses, de volta a Ítaca, colocam o herói sob o impacto da decepção e de um estado de melancolia. A longa trajetória e o empenho em tantos embates o reduziram a este triste resultado.

Nos momentos finais de Édipo, em Colono o herói velho, cego e moribundo, exhibe o esforço final do homem sábio que, para evitar conseqüências políticas danosas, submete-se, resignadamente, a cumprir os ritos que lhe assegurem o direito a ser admitido em Atenas. E o acolhedor, belo e sagrado bosque de Colono é o lugar natural no qual deve cumprir os rituais que asseguram sua admissão.

Embora a dinâmica do homem atual seja muito associada a Prometeu, a angústia do homem do final do século XX vem sendo relacionada a Ulisses em seu estado de melancolia. Depois de toda a guerra e de todas as lutas a que foi forçado a empenhar-se para vencer a natureza - todo o fragor da tecnologia para subjugar a natureza a ponto de arrogar-se ao direito de veto sobre ela - o encontro final entre o homem e o seu lugar é o desapontamento. Ulisses não é o mesmo numa Ítaca que também não é a mesma. O desgastado homem do final do nosso século

depois de tanto empenho e lutas e conquistas, vê o seu "lugar" degradado e poluído.

Mas há sensíveis e mesmo profundas conotações na relação homem-natureza entre as situações do jovem Édipo em Tebas e do Édipo cego em Colono. O primeiro, não está muito distante de Ulisses, embora em vez da "astúcia" utilize mecanismos lógicos. O jovem filho de Laio em face da Esfinge simboliza aquele grande jogo da humanidade que se designa em psicanálise como a "cena primeira". A esfinge é a própria natureza e o enigma proposto por ele é o terrível enigma de nossa própria origem e posição na natureza. O jovem Édipo é o homem na hora de conquistar o arbítrio; de ser capaz de desafiar o passado da humanidade dependente dela (esfinge, natureza); tornando capaz de adivinhar; tornando capaz de enxergar, dom que o Édipo em Colono já perdera.

Mas o Édipo cego, em Colono, não é apenas o que a sua aparência mendicante pode nos oferecer de imediato. A sua cegueira, foi produzida por uma auto-punição, a que se inflingiu pela sua condição interior, de indivíduo condenado ao incesto. Como o disforme ferreiro Vulcano, o mutilador e punidor divino, Édipo mutilou-se a si próprio, arrancando os próprios olhos. Mas esta auto-mutilação (castração) produzida no ente individual não significou que a perda da visão (individual) foi acompanhada pela perda da faculdade do pensamento. Enquanto a nível individual ele foi ensombrecido pela cegueira a nível coletivo (social e político) ele foi iluminado pela sabedoria, uma preciosa e compensadora "revelação".

Não se queira ver no Édipo em Colono, o mendigo aspirando admissão na cidade de Atenas mas um sábio que faz por merecer e conquistar nela o seu espaço, embora este seja o seu sepulcro. O que deve ser visto no Édipo cego em Colono é o humano purificado, a coerência total, o entendimento (e não a visão, o simples enxergar) do enigma da natureza e sua posição nela. A natureza aqui, diferentemente de Édipo Rei, não é a figura assustadora de um monstro: a esfinge. O que ele atravessa é a beleza do bosque sagrado de Colono onde a realização dos ritos servirá a sua admissão em Atenas.

Assim é que a imagem do Édipo cego mas sábio, de Colono, diferentemente daquela do jovem conquistador de Tebas, como a de Ulisses, serve bem a simbolizar o "novo humanismo" a que se aspira, propiciado pela nova razão que já se elabora. É este humanismo purificado que deve advir no século entrante, marco digno do terceiro milênio. O Homem (político) redimensionando o seu lugar de morada: a cidade. Pode até não ser a imagem que a enorme pretensão e arrogância do Homem gostaria de ter por símbolo. Provavelmente não faltará quem veja neste símbolo, até mesmo um reforço a imagem de mais uma empresa frustrada, e que este Édipo cego de Colono, seja apenas um incorrigível "romântico" que ao sentir a beleza do bosque sagrado não se deu conta de que sua musa continua sendo a esfinge...

A grande mensagem que, na atualidade, se poderia captar do Édipo em Colono é aquela da aspiração do homem fazer-se merecedor da cidade organizada e especializada como lugar regido pela prática democrática plena. Onde o viver e integrar-se nela requer a submissão às normas do bem coletivo, a admissão e aprovação pela ágora. A entrada é feita pelo bosque sagrado, pujante relicário da natureza, pelo qual se atinge a "cidade". Parece bem clara a simbologia do bosque de Colono como relíquia do primitivo natural e a cidade de Atenas como o lugar especial e especializado, criação humana a partir da derivação da natureza e regulada pelo consenso dos "cidadãos". Édipo terá merecido o seu incógnito sepulcro no bosque de Colono.

Do Ulisses afetado pela melancolia no seu retorno a Ítaca podemos simbolizar a precariedade dos resultados que o homem de hoje pode colher de sua arrogante atitude de julgar-se com direito de veto à natureza, arrogância de um homem eleito e favorecido pelos deuses. Daquela raiz grega de nossa civilização ocidental, derivando pelos aportes da cultura judaico-cristã, do homem feito a imagem e semelhança de Deus, pode ter derivado muito da causalidade do nosso direito de veto a que se julgou imbuído o homem deste final de século XX²⁷. Do arrogante Ulisses proto-racional, até o lógico Édipo, há um grande salto, prefigurando a possibilidade de mudança. Mas mudança acontecida no homem.

O futuro almejado a partir do nosso caótico agora terá que realizar-se à base de uma equivalente ou superior mudança no homem. Para que sua percepção da Terra não seja aquela de um mero espaço de dominação destruidora do Homem mas uma Gaia acolhedora da harmonia entre a ação dos seres vivos - nos quais o homem se inclui - numa visão holisticamente conjuntiva. O homem do futuro deve superar, de muito, a astúcia de Ulisses. Só assim seu desempenho na natureza poderá permitir a excelência de um futuro.

Da sabedoria lógica do Édipo em Colono o Homem desse possível futuro deverá fruir não apenas da resignação da velhice mas da possibilidade de atingir um lugar para sua morada que seja aquela cidade, mãe que engendra sem devorar e inventa sem esquecer.

Só assim será possível atingir aquela cidade que seja fonte de **ordem** e de **beleza**. E para isso será imprescindível que o Homem re-elabore uma nova **Razão** - geradora da nova ciência e do novo humanismo - para que esse futuro seja provido por um novo Homem politicamente evoluído para uma democracia onde a "cidade" seja realmente a morada de "cidadãos".

Notas

¹ Durante alguns anos (sessenta e setenta) professor de cartografia no Departamento de Geografia da FFLCH da USP.

² Veja-se, entre nós, o artigo de Moacir Werneck de Castro no Jornal do Brasil do Rio de Janeiro de 13/04/1991 (p.11) onde a proveito de um discurso do Senador Darcy Ribeiro, esclarece que "modernidade" no Brasil com fome é o povo comer todos os dias, é todo mundo ter emprego, é toda criança ter escola.

³ Um ponto de partida de interesse para um "levantamento" pode ser o artigo de Jacques Lerideur ou anteriormente publicado no "Commentaire" e traduzido sob o título de "A História no Liquidificador" publicado pelo Jornal da Tarde de "O Estado de São Paulo", caderno de sábado, sec. idéias, edição de 10/08/1991.

⁴ Harold Bloom, "A Angústia da Influência" - tradução e apresentação Arthur Nestrovski - Imago, ed. Veja-se, a propósito, artigo (sec crítica) de Stephen Borg, intitulada A Releitura

- de um Mestre - Jornal do Brasil, suplemento idéias - livros, ed. de 12/10/1991, p.5.
- 5 Ministrando curso na Universidade da Califórnia - Irving sobre "A Estética da Presença" e publicando o livro "L'Inhumain' Causeries Sur le Temps", o autor concede entrevista a Robert Maggiori publicada no "Libération" e reproduzida em tradução de Cássia Rocha na "Folha de São Paulo", seção livros da ed. de 07/01/1989.
 - 6 Henrique C. de Lima Vaz - "Religião e Modernidade Filosófica" - in síntese (Nova Fase), vol. 18, nº 53, p.147-165 - Belo Horizonte, abril/junho, 1991.
 - 7 Lima Vaz nos explica ainda que "novo" tem sua origem no verbo latino "novus" (há pouco, recentemente, ex. novoveni - cheguei agora). Se "moderno" em língua francesa, data do século XIV (medieval). O substantivo abstrato "modernidade", em francês, data de meados do século XIX.
 - 8 Já havendo escrito recentemente um ensaio sobre a crise, com vistas a geografia, não me permitirei repetir aqui o que foi ali tratado. Trata-se de Travessia da Crise / Tendências Atuais na Geografia - Revista Brasileira de Geografia, número especial comemorativo, ano 50 tomo 2 - página 127-150 - Rio de Janeiro, Fundação IBGE, 1988.
 - 9 Em sua obra "The Condition of Post-Modernity" David Harvey enfatiza a importância do período 1965-1973 pela ocorrência da queda do "fordismo na indústria" e do "keneynsianismo" na economia.
 - 10 Desde os anos setenta venho preferindo usar o verbo "derivar" para exprimir as ações do homem na natureza. Carlos Augusto F. Monteiro - "Derivações Antropogênicas nos Sistemas Terrestres no Brasil e Alterações Climáticas" anais do Simpósio "A Comunidade Vegetal Como Unidade Biológica, Turística e Econômica" publicação nº 14 da Acad. Ciências do Estado de São Paulo, São Paulo, 1978, p.43-74.
 - 11 A Coca-Cola não precisa estar em New York, permanecendo em Atlanta, Georgia, a Boeing está em Seattle. Zurich ou Genebra concentram altíssimos capitais do mundo todo.
 - 12 Uma de suas obras fundamentais é "L'Insecurité du Territoire". Entre nós a Brasiliense editou outra obra "a Guerra Rural a Militarização do Cotidiano", esta em colaboração com S. Lotringer.
 - 13 O grande esforço do governo "socialista" de Mitterand em dotar Paris de Biblioteca Torre, Arcos de Triunfo, Torres Infinitas, etc, etc está sendo a exceção.
 - 14 Alain Médam - "La Ville Censure" -.

- 15 Produzida em 1989 essa obra, em fase final de impressão, é a seguinte: C.A. de Figueiredo Monteiro, "Clima é Excepcionalismo: Conjecturas sobre o Desempenho da Atmosfera como Fenômeno Geográfico" - Florianópolis, editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 1991.
- 16 Veja-se o artigo de Moacir Werneck de Castro, intitulado "Que é, Afinal, Modernidade?" - publicado no Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro em sua edição de 13 de abril de 1991, à página 11.
- 17 Tema recorrente em várias obras de Prigogine o tema é abordado de modo mais sintético e acessível no seu artigo em parceria com Serge Pahaut, reproduzido na FOLHA DE SÃO PAULO, - caderno de ciências - nº 8 na edição de sexta-feira, 29 de setembro de 1989.
- 18 Veja-se a propóstio, o artigo de Sérgio Paulo Rouanet, no JORNAL DO BRASIL, de 12 de agosto de 1990.
- 19 José Guilherme Merchior - artigo publicado em 21 de outubro de 1990, no JORNAL DO BRASIL.
- 20 Veja-se, a propósito, as idéias dos cientistas políticos Weffort, Moisés e Castro Andrade, das quais há uma síntese de divulgação no informações CEDEC, Centro de Estudos da Cultura Brasileira, nº 2, São Paulo, novembro de 1989.
- 21 Não esquecer que a paraibana Luiza Erundina chegou a prefeitura de São Paulo e o pernambucano Lula, disputou a Presidência da República como líder operário no ABC Paulista.
- 22 Prigogine & Pehaut, Op. cit.
- 23 Arthur Nestrovski, tradutor da referida obra de Bloom, confronta a terminologia usada na designação dessas "fases" ou razões revisionárias com aquelas propostas por John Holander exibindo o seguinte confronto.
- | | | |
|-------------|------------|--------------|
| HAROLD | ARTHUR | JOHN |
| BLOOM | NESTROVSKI | HOLANDER |
| Clinamen | Ironia | Busca |
| Tessera | Sinedoque | Gueda |
| Kenosis | Metonímia | Giro |
| Demonização | Hiperbole | Progressão |
| Ashesis | Metafora | Mascaramento |
| Apophades | Metalepse | Combate |
- 24 Nietzsche, F.W. Obras incompletas - Seleção de textos de General Lebrun - tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho - Prefácio de Antônio Cândido. Coleção OS PENSADORES - São Paulo, Abril Cultural, 1983 - Cap. "Sobre Verdade e Mentira no sentido extra-moral (1873) - p.50.
- 25 Descartes - "Pensamentos Privados" - apud Harold Bloom, "A Angustia da Influência", p.73.

- 26 O ponto de partida para esta proposta de execução de reflexão deu-se graças aos ensaios de Renato Martins "O Dom de Édipo" e de Olga Matos, "A Melancolia de Ulisses" ambos integrados na obra resultante de um bom sucedido curso sobre a **paixão**, promovido FUNARTE.
- 27 Veja-se a propósito o interessante ensaio: WHITE JR., L. - "The historical roots of our ecological crisis" SCIENCE, 155 (1967):1203-1207, The Amer. Ass. for the Advancement of Science, 10 March 1967.